

NEM TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

O Gato português é de telhado e trapeira — e o olho vivo. Anda na réstia do sol possível, no equilíbrio da telha vã e no muro crivado de cacos de vidro. Espinha de peixe, e de preferência com alguma lembrança a maresia, eis o seu quotidiano — e o resto vem da aventura que Deus facilita: o pássaro de asa quebrada, o ratito menor, e por aqui me sirvo.

Dai que este gato, quando não se empoleira na excepção nem dispõe de rendas vitalícias arremedadas por velhas de renherta t a ler sempre nas entrelinhas. Ainda mal o olhamos à distancia razoável de uns metros já ele se refugiou no primeiro abrigo, convencido de que, pelo sim e pelo não, anda pedrada em perspectiva, nunca se sabe.

O gato inglês, pelo contrário. Tem as imunidades de uma sociedade em (aparente) paz com a natureza, faz parte, como toda a gente sabe, e até eles, do Establishment. Comer, come carne, exclusivamente carne (enlatada na maior parte dos casos, como se prova nos anúncios da televisão dedicados à sua linha alimentar) e só por aqui já se vê que ocupa uma posição de real consumidor na *permissive society*. É gato com todas as letras. Mr. Cat, e no

fundo dos seus privilégios um autêntico Aristocat ou Aristogato que acredita no *Times*, que o lê pelas linhas e nunca por trás nem por dentro. Desconfia-se que sobe às árvores,

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

mas por simples exercício campestre — não está privado.

HÁ muitos anos, já o gato londrino era gato, assistiu a um *meeting* de uns tantos lá para os lados de Golders Green. Parque outonal, vivendas a escorrer vinha virgem, e em plena via pública os aristogatos da burguesia local. Discretos e senhores

de si. Criaturas de pouco miar porque não precisam de se convencer de que estão vivos, tanto mais que a televisão, os jornais e as ligas protectoras lhes prestam as homenagens diárias de os discutir e a apoiar. Gatos em clube, *why not?*

Mas — atenção, bicharada — eu estava ali a observá-los. E, todo muito português, fui avançando, olhos nos olhos. Para meter medo, já se sabe, por puro diletantismo.

Mas os gatos, nada. Encararam-se com o desinteresse com que uma capital de onze

milhões de habitantes vê aproximar-se um turista sem «A to Z» e nem se deram ao trabalho de perguntar uns aos outros o que é que este quer. Em face disto ensaiei nova táctica: pus-me a fingir que arremessava pedras — e agora?

Agora, muito aristogatos, os exemplares londrinos fitaram-me com alguma curiosidade mas continuaram em clube: meditando, gozando o entardecer. Com toda a probabilidade desconheciam esse argumento-chave no diálogo entre o homem e o gato que é feito à base da pedrada ligeira, deduzi eu.

Bem, estava eu a arremessar vento com os punhos para assustar a indiferença, quando descobri noutro ponto da rua um cavalheiro a observar-me. Não parecia inquieto nem curioso, mostrava-se de certo modo gato, também: admirado com tanto gesto vazio e sem para quê.

Então apanhado de surpresa naquela figura, o meu desejo foi subir à primeira árvore ou esconder-me num telhado qualquer.

AGORA, 1971, os gatos britânicos continuam impassíveis ocupando em plena liberdade os parques e os *écrans* publicitários. Estão como querem, pensam — e a Ilha é grande. A Inglaterra vê chegar Mr. Heath com o seu sotaque de Cambridge, King's College e outros pergaminhos, mas tem tempo, não se precipita. Alimentos, transportes, gasolina, carvão, tudo sobe numa corrida certa, ritmada, enquanto as greves desanimam e a inflação continua.

Entretanto, tudo quanto está nacionalizado e dá dinheiro irá passando para as mãos particulares, tudo quanto é particular e dá prejuízo passará para a conta do Estado — e não há motivo para alarmes porque se trata de uma táctica (torã) como qualquer outra. Senão, veja-se a Rolls-Royce que teve promessas de nacionalização e os *pubs* administrados pelo Estado que não cair no comércio privado por causa de estarem a dar lucros... *God Save England*.

Como é que um resultado eleitoral se traduz (até no comportamento das pessoas e

no espectáculo social) em alterações tão profundas ao cabo de meia dúzia de meses?

Os velhos gatos de Golders Green e os que a esta hora se passeiam neste mesmo bairro do West End onde estou redigindo estas lembranças, os aristogatos da burguesia de Holland Park ou os frequentadores dos *pubs* irlandeses de Beckenham, lá para o sul — o *catus britannicus*, numa palavra, e as suas variantes legítimas — continuam instalados no estatuto e na apatia da tradição. Mas à volta a cidade é outra. Nas escolas acabou-se o leite grátis, nos museus passou-se a cobrar entradas, a medicina socializada vai deixando de ser para regressar às tarifas de policlínica; subida de preço no carvão, na gasolina, pão, transportes e em todos os etc. que estão na basezinha da subsistência — e, para compensar, manutenção dos impostos de saúde, embora a saúde já não seja a baixo preço como antigamente.

Nesta paisagem de tranquilidade escalada económica, o inglês médio refugia-se na televisão que tem fama de ser de alta qualidade. BBC 1, BBC 2, ITV... os canais são os de sempre e a cor mantém-se fiel. Somente as verbas de produção foram reduzidas e os programas empobreceram. Pior: começam já a perceber-se certas invasões de parasitas muito frequentes nos *écrans* dos países subdesenvolvidos.

Um gato português admirador de Mário Castrim ficaria rapidamente elucido com o espectáculo. Perceberia que também nas Ilhas Nevoentas se tinha inaugurado a modalidade das vedetas obrigatórias à maneira de Cidália Meireles e que aqui se chama John Wayne e Bob Hope, exploradores enfatuados do direito americano. Não se espantaria de modo nenhum com as novas rubricas da *Twenty Century Focus* destinadas a incidir uma luz didáctica sobre os males do socialismo nem ficaria assim, tão indiferente, perante a súbita inflação de filmes da série C provocada por Mr. Murdoch, agora também patrão da TV comercial.

Enfim, o melhor é desligar.

No dia seguinte, os gatos britânicos, ignorantes do Sebastianismo mas adeptos das brumas como nenhuns outros, esqueceram (ou antes, protegeram) as imagens do *écran* doméstico e, sem Castrim para os assustar, regressam ao *footing* matinal e ao *pub* do pôr do sol. Lêem o *Evening Standard* confiados na perenidade das instituições democráticas e ao correr das linhas — nunca entre; pensam em que é Abril e que portanto vem aí a Primavera. São assim, e honra lhes seja feita. Só que, por falta de hábito, não sabem subir às trapeiras em caso de emergência. De modo que, conversando, repousadamente e sem olhar para as entrelinhas, correm o risco de ser atropelados por qualquer condutor apressado que não os identifique como aristogatos de velhas e seculares tradições.